

TOKYO

EVER AFTER

PRINCESA À PROVA

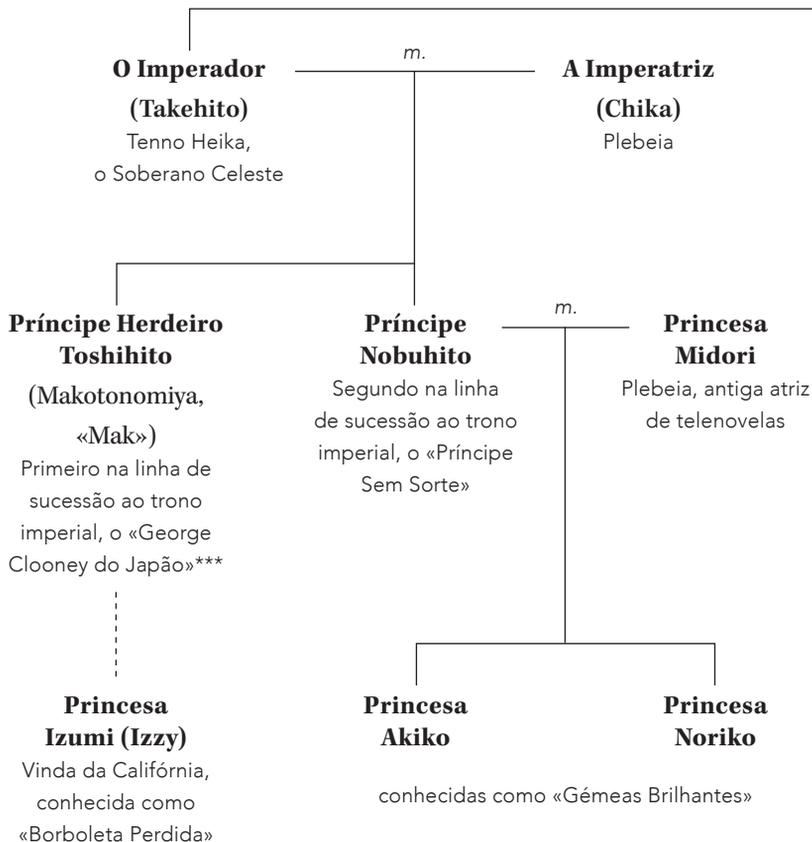
EMIKO
JEAN



NUVEM DE TINTA

A FAMÍLIA IMPERIAL*

Imperador Chōwa**



* Árvore genealógica anotada e oficiosa

** Falecido/a

*** Pré-Amal e gémeos

Imperatriz Aimi**

**Princesa
Kuniko****

Abdicou e deixou
tudo ao parceiro
de ténis, Sei

**Princesa
Tamako**

m.

**Príncipe
Yukihito**

Terceiro na linha
de sucessão ao trono
imperial

**Princesa
Yumiko**

Virou costas à Casa
Real, casou-se com
um plebeu, não podia
estar mais feliz

**Princesa
Asako**

Plebeia, tem uma
residência secreta
só para os gatos

m.

**Príncipe
Yasuhito**

Quarto na linha
de sucessão ao trono
imperial, dorme
com um ursinho
de pelúcia

**Princesa
Sachiko**

Noiva de um plebeu

**Príncipe
Masahito**

A sucessão não lhe
interessa; insiste que
o seu quarto seja limpo
três vezes por dia

**Príncipe
Yoshihito**

Passa a maior parte
do tempo no bairro da
prostituição de Tóquio

THE TOKYO TATTLER

A «Borboleta Perdida» fica sem asas

4 de abril de 2021

Uma elegância intemporal: foi essa a imagem de marca do casamento do primeiro-ministro Adachi com a herdeira da indústria dos transportes Haya Tajima, no luxuoso Hotel New Otani. Apesar de ser o segundo casamento do primeiro-ministro (a sua primeira esposa faleceu há alguns anos), o casal não olhou a despesas. Os homens usaram fraque e as senhoras, vestidos de gala. Os copos borbulhavam com *Dom Pérignon*. Cisnes pretos e brancos, importados da Austrália, nadavam nas piscinas do jardim. Entre os convidados contava-se a nata da alta sociedade japonesa, incluindo a Família Imperial. Até Sua Alteza Imperial, o Príncipe Toshihito, marcou presença, apesar das conhecidas divergências com o primeiro-ministro.

O foco, porém, não estava na disputa, nem mesmo nos noivos. Todas as atenções estavam voltadas para a mais recente princesa, Sua Alteza Imperial, a Princesa Izumi, também conhecida como a «Borboleta Perdida». O casamento marcou a sua entrada formal na sociedade japonesa. Levantaria voo... ou cairia por terra?

A indumentária de Sua Alteza Imperial, a Princesa Izumi, não desiludiu: um vestido de seda cor de jade e pérolas *Mikimoto*, retiradas dos cofres imperiais numa oferta da Imperatriz. A imprensa não teve acesso à cerimónia, mas, ao que tudo indica, a boda correu na perfeição.

Nesse caso, porque é que a «Borboleta Perdida» foi vista esta manhã a entrar num comboio com destino a Quioto? A Casa Civil Imperial insiste que se tratou de uma viagem planeada e programada até ao campo, mas todos sabemos que a residência imperial em Quioto é o retiro de contrição da realeza. No ano passado, Sua Alteza Imperial, o Príncipe Yoshihito, ficou ali hospedado enquanto recuperava de uma viagem não autorizada à Suécia.

Parece que esta borboleta perdeu as asas. O que terá feito Sua Alteza Imperial, a Princesa Izumi, para justificar o afastamento da residência imperial em Tóquio? Ninguém sabe. Mas parece que alguém está em apuros...

O dever sagrado dos nossos melhores amigos é convencer-nos a fazer aquilo que não devemos fazer.

— Nunca vais conseguir acabar isto. Mas pelo menos tentaste. Tentaste mesmo — diz a Noora, a minha supracitada melhor amiga. — Deste o teu melhor.

O meu melhor resumiu-se a uma tentativa de cinco minutos de escrever um ensaio sobre o tema do crescimento pessoal em *Huckleberry Finn*. A ideia era que a Noora me ajudasse. Afinal de contas, chamei-a para me dar apoio moral.

— É melhor desistir e seguir em frente. — Com isto, deixa-se cair em cima da cama com os braços a tapar os olhos, numa recriação perfeita de um desmaio. Tão dramática.

O seu argumento é convincente. Tive quatro semanas para fazer o trabalho. Hoje é segunda-feira. Tenho de o entregar na terça-feira. Não sei o suficiente de matemática para fazer os cálculos sobre se conseguirei entregar a tempo, mas aposto que as probabilidades são baixas. Olá, consequência dos meus atos. Voltamos a encontrar-nos, minha velha amiga.

A Noora levanta a cabeça da minha almofada.

— Céus, o teu cão tresanda.

Aperto o *Tamagotchi* contra o peito.

— Ele não tem culpa.

O meu cão arraçado de *terrier* tem um problema glandular raro para o qual não há cura nem medicação. Também tem um daqueles focinhos que são tão feios que chegam a ser giros e um fetiche nojento com as próprias patas: chupa os dedos.

Tenho a certeza de que fui posta neste mundo para amar este cão.

— Não posso deixar o trabalho a meio. Tenho mesmo de o entregar — digo, apanhando-me a mim própria de surpresa. Raramente sou a voz da razão. Ou melhor, não há voz da razão na nossa amizade. As nossas conversas costumam desenrolar-se da seguinte maneira:

Noora: *sugere uma má ideia*

Eu: *hesito*

Noora: *expressão de desilusão*

Eu: *sugiro uma ideia pior*

Noora: *expressão de felicidade*

Basicamente, ela diz mata e eu digo esfola. Ela é o Timberlake, eu sou a Biel; ela é o Edward, eu sou a Bella; ela é o Pauly D, eu sou o resto da malta de *Jersey Shore*. A minha melhor amiga. Contra ventos e marés. Tem sido assim desde o 2.º ano, quando nos tornámos mais próximas devido à cor da nossa pele, um pouco mais escura do que a das crianças brancas de Mount Shasta, e a uma incapacidade comum de seguir instruções simples. «Desenhar uma flor?» Está bem, abelha. Que tal uma paisagem oceânica com estrelas-do-mar como criminosos e um golfinho a fazer de detetive rebelde?

Juntas, formamos metade de um gangue de raparigas asiáticas, ou GRA, mas menos crime organizado e mais *Sarilhos com Elas*. A Hansani e a Glory formam a outra metade. O processo de adesão é rigoroso e exige uma qualquer prova de ascendência asiática. O que significa que somos pan-asiáticas. Numa cidade conhecida pelo seu amor às t-shirts de padrões tingidos e à bandeira confederada, não nos podemos dar ao luxo de discriminar.

A Noora fulmina-me com o olhar.

— Está na altura de desistires. Adapta-te. Dá a mão à palmatória. Aceita o teu fracasso. Vamos ao Emporium. Será que o tipo giro ainda trabalha ao balcão? Lembras-te daquela vez em que a Glory ficou toda atrapalhada e pediu uma bola de gelado

do tamanho de uma bola de pénis e não de ténis? Anda lá, Zoom Zoom — diz, tentando persuadir-me.

— Quem me dera que nunca tivesses ouvido a minha mãe a chamar-me isso. — Mudo de posição e o *Tamagotchi* salta dos meus braços. Não é segredo nenhum: gosto mais dele do que ele de mim. Ele dá voltas e deita-se, enfiando o focinho no rabo. Tão giro.

A Noora encolhe os ombros.

— Pois, mas ouvi, e adoro. Agora, é impossível não o usar.

— Prefiro Izzy.

— Preferes Izumi — torna ela.

Correto. Mas, no 3.º ano, ouvi aquelas três sílabas serem chacinadas a ponto de querer simplificar o meu nome. É mais fácil assim.

— Se os brancos conseguem aprender a falar Klingon, podem aprender a pronunciar o teu nome.

Quando alguém tem razão, tem razão.

— É verdade — admito.

A minha melhor amiga tamborila com os dedos na barriga, um sinal claro de tédio. Senta-se direita e esboça um sorriso felino: misterioso e sobranceiro. Mais um motivo para preferir os cães. Nunca confies num gato, eles comem-te a cara se morreres. (Não tenho provas que corroborem esta afirmação, é apenas um sentimento instintivo.)

— Então, esquece o Emporium. Sinto-me pálida e pouco atraente.

Sorriso. Sei aonde ela quer chegar. Não me importo nada de lhe fazer a vontade.

— Que tal darmos uns retoques na maquilhagem e depois logo vemos? — sugiro, muito prestável. O *Tamagotchi* levanta as orelhas.

A Noora acena de forma ponderada.

— As grandes mentes pensam da mesma maneira.

Esboça outro sorriso e sai porta fora em direção à casa de banho principal da mãe, também conhecida como a Rodeo Drive dos cosméticos. É difícil pensar no que está no balcão de vinil lascado e não salivar: caixas lacadas brilhantes de paletas de sombras *Chanel*, uma máscara de creme de noite com caviar *La Prairie*, delineador *Yves Saint Laurent Couture*. Ah, e produtos para a pele coreanos, quem quer? Quero eu, por favor. Cada um daqueles mimos decadentes representa a promessa de um futuro melhor. Tipo, as coisas podem estar super mal agora, mas acredito mesmo que tudo pode mudar para melhor se usar este bronzeador de tom *Golden Goddess*.

Ironia das ironias, a maquilhagem cara está em oposição direta ao caráter prático da minha mãe. Ela conduz um *Prius*, recicla até à exaustão (às vezes, acho que teve uma filha só para a ajudar a mexer a pilha de compostagem) e reutiliza os collants. Se tem restos de sabonete, enfia-os no dedo de uma meia velha e gasta-os até não sobrar nada. Quando aponto esta hipocrisia à minha mãe, ela despacha-me logo com um: «E então? Faz tudo parte da minha mística feminina.» Não discordo. Nós, as senhoras, encerramos multidões dentro de nós. Ao fim e ao cabo, o gloss e os iluminadores são o pecado da minha mãe. E é com um gostinho especial que eu e a Noora nos maquilhamos enquanto a minha mãe dá aulas no politécnico.

Vou dar com a Noora a aplicar um gloss *Dior* e a espreitar pelas persianas.

— O Jones está outra vez no teu quintal.

Atravesso a alcatifa e junto-me à Noora para espreitar pela janela. Sim, é ele. O nosso vizinho do lado usa um chapéu de sol cor-de-rosa, uma t-shirt branca, *Crocs* amarelas e um sarongue tão colorido que chega a ser ofensivo. Quem criou aquela aberração?

Ele traz consigo dois frascos com um líquido escuro que pousa no nosso alpendre. Deve ser *kombucha*. Aquele prodígio barbudo caiu nas boas graças da minha mãe: produz o seu próprio

chá, é apicultor e a sua t-shirt preferida diz «O Amor Não Vê Cores». Claro que é mentira. O amor vê cores, e de que maneira. Por exemplo, quando ganhei coragem para dizer à minha paixoneta do 7.º ano que gostava dele, ele respondeu:

— Desculpa, não curto asiáticas.

Desde então, a minha vida amorosa entrou num caminho amaldiçoado. A minha última relação acabou com um incêndio no contentor do lixo. Chamava-se Forest e traiu-me durante o baile. A separação foi uma decisão consciente de ambas as partes. Esfrego as têmporas ao sentir uma dor súbita e aguda. Dos gases, certamente, não da recordação.

— É um nadinha assustador ele estar sempre a trazer coisas à tua mãe. Parece um daqueles gatos selvagens que deixam ratos mortos no alpendre. — A Noora fecha o gloss e pressiona os lábios. O vermelho-escuro combina com a sua personalidade. A subtileza não faz parte do seu vocabulário.

Cruzo os braços.

— Há duas semanas, trouxe-lhe um livro com flores secas. — A minha mãe pode ser professora de Biologia, mas a cena dela é mesmo a botânica. O que o Jones tem a menos em estilo tem a mais em esperteza, há que admitir.

A Noora afasta-se da janela e atira o gloss para a colcha de retalhos que a minha mãe comprou na feira da ladra. Ela adora cenas antigas.

— Foi este o livro que ele lhe ofereceu? *Orquídeas Raras da América do Norte*? — Aproximou-se da mesa de cabeceira da minha mãe e está agora a vasculhar as coisas dela. Que cusca.

— Não — respondo. — Isso é outra coisa.

Nunca prestei muita atenção ao livro. Orquídeas raras e tal. A Noora abre o livro.

— Ruh-roh, *Scooby-Doo*. O que é isto? — Encosta um dedo à página do título e começa a ler: — «Minha querida Hanako...»

Demoro um segundo a cair em mim. Querida? Hanako?
Lanço-me na direção da Noora e arranco-lhe o livro das mãos.

— Que rude — murmura, pousando o queixo no meu ombro.
A caligrafia é elegante, mas inclinada, os traços do lápis já
muito esmaecidos.

*Minha querida Hanako,
Possam estas palavras dizer aquilo que os meus lábios calam:*

*Oxalá estivesse junto a ti
Como a saia molhada que se cinge
Ao corpo salgado de uma donzela.
Estás sempre no meu pensamento.
— Yamabe no Akahito*

*Sempre teu,
Makoto «Mak»
2003*

A Noora assobia em surdina.
— Acho que o Jones não é o único admirador secreto da tua
mãe.

Sento-me na cama.

— A mãe nunca mencionou um Makoto. — Não sei o que
sentir em relação a isso. É estranho pensar na vida dos meus pais
antes de mim. Chamem-me narcisista, mas todos os adolescentes
acreditam que tudo começou no momento em que nasceram.
Tipo: «A Izzy já chegou. Terra, podes começar a girar.» Não sei,
talvez seja uma cena de filha única. Ou talvez a minha mãe me
amasse tanto que fez com que eu parecesse o centro do mundo.

Ainda estou a processar tudo aquilo, quando a Noora diz
meio a medo:

— Olha lá, tu nasceste em 2003.

— Sim. — Engulo em seco enquanto olho para a página. Os nossos pensamentos seguem no mesmo sentido improvável, mas intuitivamente correto. A minha mãe disse que engravidou de mim no último ano da faculdade. Os meus pais foram finalistas no mesmo ano. Harvard, 2003. O meu pai estava de visita do Japão. Foi um caso de uma noite. Mas ela sempre fez questão de realçar que não foi um erro. Nunca um erro.

Olho fixamente para o nome. *Makoto. Mak.* Será possível que a minha mãe tenha tido casos amorosos com dois homens japoneses diferentes no ano em que eu nasci? Viro-me para a Noora.

— Este pode ser o meu pai. — Dizê-lo em voz alta parece estranho, pesado. Um tabu.

O assunto do meu pai sempre foi uma nota de rodapé na minha biografia. «Izzy foi concebida em 2003 por Hanako Tanaka e um homem japonês desconhecido.» Não é ficar a saber das minhas origens que me faz sentir mal. Sou filha do século XXI; nunca me envergonharia da libertação sexual da minha mãe. Respeito as suas decisões, mesmo que as palavras «mãe» e «sexo» me façam querer deitar fogo a qualquer coisa.

É o *não* saber que me causa uma dor na alma. Andar na rua, examinar as pessoas e imaginar: Serás tu o meu pai? Será que conheces o meu pai? Saberás algo sobre mim que eu não sei?

A Noora olha para mim.

— Conheço esse olhar. É um olhar de esperança.

Aperto o livro contra o peito. Às vezes, é difícil não ter inveja da minha melhor amiga. Tem tantas coisas que eu não tenho: dois pais e uma família enorme. Já passei o Dia de Ação de Graças em casa dela. É um verdadeiro quadro de Norman Rockwell, mas com um tio meio embriagado, conversas em farsi por todo o lado, molho de romã e tarte de dióspiro em vez de tarte de maçã. Ela sabe exatamente de onde vem, quem é e aquilo que a define.

— Vá lá — digo finalmente.

A Noora senta-se e dá-me uma cotovelada.

— Este pode ser o teu pai. Ou pode não ser o teu pai. É escusado tirares conclusões precipitadas.

Tarde demais. Quando era miúda, pensava muito no meu pai. Às vezes, imaginava que ele era dentista ou astronauta. Uma vez, embora me recuse a admiti-lo em voz alta, desejei que fosse branco. Na verdade, desejei que tanto o meu pai como a minha mãe fossem brancos. O branco era bonito. O branco era a cor das minhas bonecas, das modelos e das famílias que via na televisão. Tal como encurtar o meu nome, um tom de pele mais claro e uns olhos mais arredondados teriam facilitado a minha vida e tornado o mundo mais acessível.

Olho de relance para a página.

— Harvard deve ter um registo dos alunos. — A frase sai-me entaramelada. Nunca me atrevi a procurar o meu pai. Nem sequer falo dele. Por um lado, a minha mãe não me incentivou a fazê-lo. Na verdade, a sua falta de vontade de falar dele sempre foi mais um desincentivo. Por isso mantive-me calada, sem querer agitar as águas da nossa relação de mãe e filha. Continuo a não querer. Mas também não devia ter de fazer isto sozinha. Não é para isso que servem as melhores amigas? Para partilhar o fardo?

Clique. Flash. A Noora tira uma foto da página com o telemóvel.

— Vamos tirar isto a limpo — promete. Meu Deus, quem me dera poder engarrafar a confiança dela, a sua assertividade. Quem me dera ter apenas metade do que ela tem. — Estás bem? — pergunta-me.

Os meus lábios tremem. Sinto um sobressalto no peito. Isto pode ser importante. Muito importante.

— Sim. É muita coisa para processar.

A Noora lança os braços à volta do meu corpo e abraça-me com força.

— Não te preocupes — diz-me, convicta. — Vamos encontrá-lo.
— Achas mesmo que sim? — Não escondo a esperança que
brilha nos meus olhos.

Ela repete o sorriso felino.

— Pelo-me por rolos de canela ou não?

— Com base no consumo passado, diria que sim.

O seu aceno é rápido e confiante.

— Vamos encontrá-lo.

Estão a ver? Contra ventos e marés.

2

Escola. Meio-dia. Terça-feira. Atravesso os corredores da Secundária de Mount Shasta. Passaram-se 18 horas desde que um livro sobre orquídeas raras e um poema meio picante abalaram o meu mundo.

Foram uma noite e uma manhã difíceis. Havia tantas perguntas na minha cabeça: a minha mãe mentiu-me quando disse que não conhecia o meu pai? Se sim, porquê? O meu pai pode saber que eu existo? Se sim, porque me abandonou? A luta é real. Tenho tido o cuidado de restringir as minhas esperanças enquanto tento evitar a minha mãe. Felizmente, subterfúgios é comigo. Debaixo da cama, tenho meia garrafa de *schnapps* de pêssego e um punhado de romances (duque empobrecido e herdeira de classe baixa equivale a amor verdadeiro para sempre). A minha mãe não sabe de nada disto. É fundamental fazer de conta que não se passa nada. Sou só uma rapariga que está a tratar da sua vidinha. Não há nada para ver.

A entrada da biblioteca está à vista. Baixo a cabeça e passo por um grupo de *cowboys* e duas raparigas chamadas Harmony. As portas duplas batem atrás de mim.

Por fim, o silêncio. Se ao menos os meus pensamentos fossem tão fáceis de desligar. Ao fundo das estantes, a Noora está à minha espera em pulgas. Eu também estou ansiosa. Na última hora, a troca de mensagens entre o GRA foi avassaladora.

Noora: OMG. OMG. OMG.

Noora: Grandes novidades. Reunião de emergência do GRA na biblioteca ao almoço.

Glory: Almoçamos lá todos os dias.

Eu: ?

Noora: Não se atrasem. Não vão querer perder isto.

Glory: Se for outra vez por causa do terceiro mamilo do Denny Masterson...

Noora: QUERIAS!

Hansani: E dares-nos uma pista?

Eu: ??

Noora: Pois claro. E estragava a surpresa, queres ver? Não levem a mal, mas vão ter de esperar.

Tento reprimir a esperança que sinto no meu peito. É muito provável que a grande notícia da Noora não seja sobre o meu suposto pai. Ela adora convocar reuniões de emergência.

— Até que enfim. — A Noora agarra-se a mim e arrasta-me ao longo das estantes. Paramos no canto nordeste.

A Hansani, uma cingalesa esguia, e a Glory, uma rapariga de origem filipina com sobrancelhas pelas quais eu estaria disposta a morrer e/ou matar, já estão à espera na nossa mesa habitual. Que miúdas. As *minhas* miúdas. Temos a capacidade única de olhar umas para as outras e sabermos exatamente o que estamos a sentir. A nossa ligação nasceu na escola primária, onde aprendemos que o nosso maior «defeito» era a nossa aparência.

No meu caso, foi a Emily Billings. Encurralou-me no autocarro da escola com os olhos em bico presos com fita-cola. Eu

sabia que era diferente, mas só soube que essa diferença era má quando alguém fez questão de mo dizer. Claro que me juntei à gargalhada geral. Afinal de contas, o humor é sempre a melhor defesa. Fingi que não me doe. Tal como fingi que não doe quando um miúdo me perguntou se a minha família celebrava o bombardeamento de Pearl Harbor como o Natal. Ou quando os alunos pediam a minha ajuda nos trabalhos de casa de Matemática. Nesse caso, quem se ficou a rir fui eu, que sou uma nódoa com números. Ainda assim, a cada nova investida, há algo dentro de mim que parece murchar, num silêncio envergonhado.

Seja como for, já percebemos. Todas somos vítimas do preconceito cultural. A Noora é questionada sobre o porquê de não usar hijabe. As pessoas começam a imaginar se a Glory é adotada quando a veem com o pai branco. A Hansani tem de levar com o sotaque do Apu — já agora, enganaram-se no país. E claro que há o universal «não, mas nasceste onde, mesmo?».

As raparigas já começaram a almoçar: pão pita e húmus para a Hansani, salada de ovo para a Glory. Há um sinal de «Proibido Comer» acima da nossa mesa. Bah, as regras existem para serem desrespeitadas.

Pouso a mochila e a garrafa de água em cima da mesa e sorrio para as outras duas. A Noora aterra na cadeira ao meu lado e estala os dedos para a Glory.

— Portátil.

A Glory vira-se para a Noora e semicerra os olhos.

— «Por favor» também se usa — diz, enquanto tira um *Chromebook* reluzente.

A Noora pica-a com um lápis.

— Sabes que te adoro, mesmo que não faças jus ao teu nome.
— Isso é verdade. Embora eu nunca o diga. A Glory é o tipo de pessoa que enfia o dedo na boca de outra enquanto ela boceja, para estabelecer o domínio. Já a Noora não tem pruridos em

dizê-lo. Têm uma verdadeira relação de amor-ódio. São as duas iguaizinhas, mesmo que não tenham noção disso.

A Glory entrega-lhe o portátil.

— Pica-me outra vez, que levas um murro nas goelas.

Hoje, é mais ódio do que amor.

— Podemos avançar? — insto.

A Noora pega no portátil e começa a escrever.

— Podemos, sim. — Ela para, entrelaça os dedos das mãos e estala-os. — Um rufo, por favor!

A Hansani faz-lhe a vontade, batendo com os dedos na mesa.

A Glory saca de uma lima e começa a moldar as unhas em garras.

Fecho os olhos. Preparo-me. Permito que a esperança que sinto no peito venha ao de cima. *Só espero que seja sobre ele. E que ele não seja um assassino em série que coleciona fatos de pele.*

— Encontrei-o! Encontrei o Makoto. O Mak. O teu pai! — exclama a Noora.

Abro os olhos. Pestanejo. As palavras cravam-se na minha pele, ganham raízes, folhas. *Desabrocham*. Tantos sentimentos. Acima de tudo, desconforto. Por isso, faço aquilo que sei fazer. Digo uma piada. Desvio as atenções.

— Então, isto não é sobre o terceiro mamilo do Denny?

A Noora abana uma mão.

— Credo, claro que não. Isso foi há dois meses e meio. Antes de mostrar o que encontrei, tenho de te dizer uma coisa. — Ela parece insegura, séria.

O sangue acorre-me aos ouvidos. A Hansani estica-se do outro lado da mesa e põe a mão sobre a minha. Ela tem um sexto sentido e consegue detetar frequências emocionais. É o seu superpoder.

Olho para a Glory e para a Hansani. Será que sabem o que a Noora encontrou? Ambas abanam a cabeça. É uma das nossas

características, a comunicação através do olhar. Funcionamos no mesmo comprimento de onda. Estamos todas às escuras.

— Muito bem — digo. Respiro fundo. — Podes dizer. — *Espero o melhor, mas estou preparada para o pior.*

A Noora inspira ruidosamente.

— Sinto uma forte atração pelo teu pai.

A Hansani ri-se.

A Glory revira os olhos.

Cai-me tudo ao chão.

— Que nojo — digo. — Além disso, ainda nem sabemos se é o meu pai.

— Oh, ele é o teu pai.

Pai. Nunca pensei na pessoa nesses termos. Claro que ganhou formalmente a designação assim que nasci, mas tudo o que essa palavra encerra só se ganha com o tempo, depois de muitos joelhos arranhados, muitas noites sem dormir e formaturas. Não tenho *pai*. Mas podia. Essa promessa faz-me chegar à frente na cadeira.

A Noora diz-me:

— És a cara chapada dele. Olha só. — Vira o portátil para o grupo. As imagens enchem o ecrã.

A Glory bate com a lima na mesa.

— C'um caraças!

A Hansani assobia em surdina.

— 'Tás a gozar.

— Apresento-vos Makotonomiya Toshihito. O teu papá, Zoom Zoom — exclama a Noora. Ela desloca o cursor e clica, ampliando uma foto.

É ainda mais estranho ao perto. Está a posar em frente de um edifício de tijolos. Harvard, presumo. É jovem na foto, com um sorriso cheio de promessas e esperança inconsequente. O tipo de sorriso que esboçamos antes de o mundo nos partir os

dentos. A semelhança é impossível de ignorar. Irreal. Eu estou ali, nos seus lábios cheios, no seu nariz reto, até mesmo nos espaços entre os dentes.

A minha boca abre-se, fecha-se e depois abre-se outra vez.

— A Noora tinha razão. Mas que giro — concorda a Glory.

Todas chocam os punhos entre si. O meu coração está a mil. Lembro a mim mesma que os ataques cardíacos são raros em miúdas de 18 anos.

— Como é que... — Faço uma pausa. Reconponho-me. Concentro-me. — Como é que o encontraste?

— Harvard não tinha um registo dos alunos disponível online, mas têm um formulário com um número de telefone. Liguei para lá hoje de manhã. Falei com uma miúda muito fixe chamada Olivia. Tem piada, ela cresceu em Ashland. — Ashland fica perto de Mount Shasta. — Demo-nos logo bem. Agora, somos amigas. O mais certo é ela dar o meu nome à primeira filha.

— Vai direita ao assunto — queixa-se a Glory.

Não consigo parar de olhar para ele. Makoto. O meu pai. E para todas as nossas semelhanças. Temos as mesmas sobran-celhas, embora eu tenha conseguido domar as minhas. Passo os dedos pelo ecrã e afasto-os logo. Não há necessidade de criar laços afetivos.

A Noora prossegue.

— Seja como for, ela não me disse grande coisa. Questões de confidencialidade. Foi uma espécie de beco sem saída.

— Oh, meu Deus — desespera a Glory.

A Noora franze-lhe a testa.

— Foi por isso que fiz uma pesquisa no *Google* pelas palavras: Makoto, Mak, Harvard 2003. E lá estava ele. Foi canja japonesa.

— A Noora acena com a mão na minha cara. — Estás bem?

As palavras formam-se e morrem na minha garganta.

— Sim. Não. Talvez?

— Vou acreditar que sim, porque há mais.

Mais? Como pode haver mais?

— Não te percas.

A Noora fica em silêncio alguns instantes. Pigarreia. Tiro os olhos do ecrã.

— É da realeza. — Pausa. O seu sorriso fica mais rasgado. — Um príncipe. — Nova pausa. Um sorriso ainda maior. — Mais concretamente, o príncipe herdeiro do Japão. Chama-se Makotonomiya Toshihito.

Os segundos passam no relógio acima das nossas cabeças. O sorriso da Noora começa a desfazer-se. Fungo. Tenho a sensação de estar no fundo de um túnel muito longo e escuro.

— Acho que ela não está bem — sussurra a Hansani, preocupada. — Se calhar, devíamos chamar a enfermeira.

— Já não temos enfermeira. Cortes na despesa — informa a Glory.

A histeria começa a crescer na minha garganta. Não tem para onde ir a não ser para cima e para fora. Desato a rir-me de forma descontrolada. Sim, estou a perder o juízo.

A Noora diz-me:

— A sério, Zoom Zoom, isto não tem graça. És filha de um príncipe. O fruto das suas entranhas.

— As palavras «fruto» e «entranhas» nunca devem ser ditas juntas — comenta a Glory, com a boca cheia de salada de ovo.

O sorriso da Noora desfaz-se numa linha infeliz.

— Não acreditas em mim. Nenhuma de vocês acredita em mim. Muito bem. Vamos às provas — diz, substituindo a foto por um artigo de jornal no ecrã.

THE TOKYO TATTLER

O herdeiro solteiro mais velho na história do Trono de Crisântemo não tem planos para se casar

23 de maio de 2018

Aos 39 anos, Sua Alteza Imperial, o Príncipe Herdeiro Toshihito, continua a ser um solteirão rematado e não tem planos para se casar, segundo fonte do Palácio. Apesar das inúmeras candidatas elegíveis, o Príncipe Herdeiro recusa-se a assentar. A Casa Civil Imperial está extremamente angustiada, embora ninguém o admita...

O artigo especula ainda sobre as possíveis noivas do Príncipe Herdeiro: uma parente real distante, a sobrinha de um funcionário do Santuário de Ise, a neta do antigo primeiro-ministro do Japão ou a filha de um industrial rico. As imagens das mulheres acompanham o artigo. Surgem de braço dado com o meu pai, como póneis embevecidos com as luzes da ribalta e com a atenção que ele lhes dedica. O seu comportamento denota o oposto: estoico, postura rígida, testa franzida. Em tudo diferente da foto de Harvard. No artigo, as mulheres também são criticadas. Não é o chapéu adequado para um beberete; não são as luvas certas para um jantar oficial; a família não tem dinheiro suficiente ou, pior, tem demasiado dinheiro *novo-rico*.

As raparigas juntaram-se atrás de mim. Olhamos para o ecrã do portátil.

A Hansani diz:

— É uma espécie de George Clooney asiático.

— Pré-Amal e gémeos — emenda a Glory.

Fecho o artigo e passo os próximos cinco minutos a clicar em mais fotos. Lá está ele a partilhar o camarote real de Covent Garden com o Príncipe Carlos e Camila numa atuação de *La Traviata*. Noutra foto, vemo-lo num *brunch* com o Grão-Duque do Luxemburgo no Castelo de Betzdorf. Noutra ainda, a navegar no Mediterrâneo com o Rei de Espanha. E continua: a esquiar no Liechtenstein com o Príncipe Hans, num jantar oficial com o Presidente-Xeque bin Zayed al-Nahyan nos Emirados Árabes Unidos... Há até uma foto dele com o George Clooney! Fecho o portátil e afasto-me da mesa. Preciso de espaço.

A Noora, a Glory e a Hansani sorriem de forma hesitante. Irradiam ansiedade.

— O meu pai é o Príncipe Herdeiro do Japão. — Dito assim em voz alta, talvez se torne real.

Não.

É difícil de acreditar, mas as fotos não mentem. Somos iguazinhos. O fruto das suas entranhas. Continuo a não gostar da expressão.

— Isto é que são sonhos de infância tornados realidade! És uma princesa — diz a Noora.

Princesa. A maioria das meninas sonha com isto. Eu não. A minha mãe comprou-me cubos de construção com a cara da Ruth Bader Ginsburg e da Hilary Clinton. Eu só sonhei em ter um pai, saber de onde venho e poder falar orgulhosamente sobre quem sou.

— Se és da realeza, então também tenho de ser alguma coisa — atira a Noora. — Vou mandar fazer uma daquelas cenas de genealogia quando chegar a casa. Vou fazer figas para ser 50% Targaryen, 30% da realeza britânica e 100% a irmã há muito perdida da Oprah.

— Tenho a certeza de que não é assim que funciona — diz a Hansani. Ao ver o olhar fulminante da Noora, ela levanta as duas mãos. — Estou só a dizer.

A Noora descarta-a rapidamente e vira-se para mim.

— Esta é a melhor coisa que já me aconteceu. A minha melhor amiga é da realeza! — Apoia o queixo nos punhos cerrados e olha para mim, embevecida. — Vou-me aproveitar tanto de ti.

Tenho a cabeça à roda. Nunca imaginei que isto pudesse acontecer. É mais do que alguma vez sonhei. Há 18 anos que espero por isto. E mesmo assim... sinto um nó na garganta. É inevitável, desagradável.

— Toda a minha vida é uma mentira. Porque é que a minha mãe me escondeu isto?

A Glory estala os dedos.

— Essa é que é a verdadeira questão, minha amiga.

3

Mensagens

17h26

Eu: A sério, a ideia de confrontar a minha mãe é o melhor laxante de sempre.

Noora: Tu consegues.

Noora: **Avança em modo *Lei e Ordem***. Está na altura de ela pagar pelos seus crimes. Tu és a procuradora corajosa que vai fazer justiça.

Eu: Prefiro ser a Mariska Hargitay.
É uma durona. Além disso, o Ice-T é o parceiro dela.

Eu: Tenho de ir. A minha mãe já chegou.

Noora: **Lembra-te. Faz justiça!**

Com um suspiro, ponho o telemóvel no silêncio. Endireito os ombros. Ganho coragem. Quanto ao frio na barriga é que não há nada a fazer. Levo-o comigo enquanto percorro o corredor até chegar à cozinha. A minha mãe já ali anda a abrir e a fechar armários, a pôr óleo num *wok* gigante. É noite de salteado. Sacudo o tremor das mãos. *Tem calma*. Age com naturalidade. Não custa nada. Não há nada mais natural do que eu andar pela cozinha

a partir das 18 horas a perguntar a cada dez minutos quando é que o jantar fica pronto.

Aproximo-me do balcão e sento-me num dos bancos. Há canecas penduradas em ganchos debaixo do armário. A minha mãe coleciona-as. As suas preferidas têm ditados engraçados. «*Geology Rocks*» está mesmo diante de mim. A minha mãe põe uma tábua de cortar, uma faca e pimentos de várias cores à minha frente.

— Toca a cortar — diz ela.

Obedeço e começo a cortar um pimento cor de laranja.

— Mãe?

— Hã? — Ela embrulha tofu num pano. Tirou o casaco, mas não despiu o resto da sua «farda escolar»: uma camisa com as mangas enroladas até aos cotovelos e uma saia travada de bom gosto.

— Fala-me outra vez do meu pai, o dador de esperma.

A nossa relação costumava ser tão simples. Podia ser definida numa frase: mãe solteira com filha, as duas contra o mundo. Agora, parece tudo tão complicado. Tudo mudou. Mas ela ainda não sabe. Como quando os pais da Glory se divorciaram. A mãe deixou de gostar do pai e começou a andar com o dentista, enquanto o pai planeava o 20.º aniversário de casamento. As mentiras estragam tudo.

A minha mãe fecha os olhos. Está com aquele humor do género «tive um dia esgotante e não tenho tempo para isto».

— Já te pedi que não usasses esse termo.

— Desculpa, mas frequento uma escola pública. Temos Educação Sexual. Sei mais do que devia.

Ela desembrulha o tofu, corta-o em cubos e atira-o para o *wok*. Começa a fritar e o som é estranhamente satisfatório, como um regresso a casa.

— Isso não pode esperar? Estou a fazer o jantar.

Agarro na faca com mais força, acometida por uma onda de determinação. A resposta dela não me irrita, de todo.

— Não pode esperar. Conta lá outra vez.

Ela para e olha para mim por cima do ombro, com um brilho desconfiado nos olhos.

— O que se passa? Falta-te alguma coisa só porque não tens pai?

Céus, a expressão dela é de partir o coração. A minha determinação entra em modo defensivo. O que queres que te diga? *Sim. Sinto falta de ter um pai. Mais ainda, sinto falta de ter um passado.* Não tenho família da parte da minha mãe. Ela é *sansei*, japonesa de terceira geração. Os seus avós emigraram nos anos 30. Não falavam inglês e só tinham a esperança de uma vida melhor quando embarcaram num navio com destino à América. Depois da Segunda Guerra Mundial, guardaram o quimono da família debaixo da cama, passaram a fazer árvores de Natal em dezembro e começaram a falar exclusivamente inglês.

Mas algumas tradições permaneceram. Infiltraram-se nas fendas e agarraram-se às paredes: descalcem-se antes de entram em casa, levem sempre um presente quando visitam alguém pela primeira vez, celebrem o Ano Novo com *toshikoshi soba* e *mochi*. Anseio pela promessa dessa vida fantasma. Quero compreender quem sou. Quero pôr as mãos na terra e arrancar raízes.

Mas não posso dizer nada disto à minha mãe. Não posso dizer-lhe que, quando me perguntam sobre a minha história, quem eu sou, de onde venho, respondo em jeito de pedido de desculpas. «Não, não falo japonês. Não, nunca estive no Japão. Não, não gosto de *sushi*.» Fica bem patente nos olhares desiludidos que me lançam: não sou o suficiente.

Tudo isto lhe causaria uma dor enorme.

Por isso, deixo o meu silêncio falar.

O seu suspiro é longo e angustiado. Olha para o teto. Senhor, dá-lhe paciência.

— Conheci-o no meu último ano de faculdade, numa festa. Dormimos juntos. Descobri que estava grávida de ti depois da formatura. Nessa altura, já era demasiado tarde para o encontrar.

— Nunca soubeste o nome dele?

Ela não vai fazer contacto visual.

— Não.

— Não sabias onde ele vivia?

— Não.

— E os amigos dele? Tentaste localizá-lo através deles?

— Não tínhamos amigos em comum.

— Ah.

— Satisfeita? Fizeste o trabalho de Inglês sobre *Huckleberry Finn*?

Encaro aquela pergunta como um insulto pessoal.

— Claro que fiz. — Mentira, não fiz nada. Mas consegui adiá-lo uma semana. Valeu-me a desculpa do período. O que a mãe não sabe não lhe vai fazer mal. — E não, ainda não estou satisfeita.

O tofu vai fritando no *wok*. Ela acrescenta cebola.

— Izumi. — Adoro a forma como a minha mãe diz o meu nome. Arrasta o *I* e suaviza o *zumi*, sempre com muito amor à mistura. Mas hoje vem com uma dose extra de irritação.

— Então, ele nunca te disse que se chamava Makotonomiya Toshihito?

Digo o nome dele em voz baixa, mas cai como uma pedra no nosso chão de linóleo. É então que tenho a certeza de que a minha mãe me mentiu sobre tudo. Engole em seco, os lábios semiabertos. Os seus olhos escuros fulminam os meus. *Culpada. Culpada. Culpada.*

— Onde ouviste esse nome? — pergunta, numa voz sumida. Pouso a faca e o pimento.

UMA HISTÓRIA ROMÂNTICA, DIVERTIDA E COMOVENTE SOBRE UMA JOVEM INADAPTADA QUE DESCOBRE TER SANGUE AZUL

Não é fácil ser nipo-americana numa cidade predominantemente branca da Califórnia. Talvez por isso, Izumi Tanaka, Izzy para os amigos, sempre tenha sentido dificuldade em adaptar-se à vida nos Estados Unidos. Criada pela mãe solteira, Izzy descobre a certa altura uma pista sobre a identidade do seu pai, que não é senão o príncipe herdeiro do Japão. O que significa que ela é nem mais nem menos do que uma princesa.

Num turbilhão de emoções, Izzy viaja para o Japão para conhecer o pai e descobrir o país com que sempre sonhou. Mas ser uma princesa não se resume a vestidos de baile e tiaras. Há primos interesseiros, uma imprensa faminta, um guarda-costas sisudo — mas muito atraente... — e milhares de anos de tradição e costumes para aprender da noite para o dia.

Izzy vê-se presa entre dois mundos e duas versões de si mesma. Em casa, nunca foi *americana* o suficiente e, no Japão, tem de provar que é *japonesa* o suficiente. Irá Izumi cair sob o peso da coroa, ou viverá ela o seu desejado conto de fadas?

BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

CONSIDERADO UM DOS MELHORES LIVROS DO ANO POR
SCHOOL LIBRARY JOURNAL * PUBLISHERS WEEKLY * GOODREADS
* COSMOPOLITAN * MARIE CLAIRE * ENTERTAINMENT WEEKLY



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

boldreadspt

penguinlivros

ISBN 9789897848346



9 789897 848346 >